

*Aue*  
**Sair ou morrer**

Primeiro, o PMDB concordou em dar a seu parceiro na Aliança Democrática, o PFL, um lugar de honra na Mesa da Constituinte: a 1ª vice-presidência. Depois, numa manobra súbita do líder da bancada, senador Mário Covas, consciente de que a disputa envolvia poder real por conta do estado precário da saúde do presidente titular, Ulysses Guimarães, o PMDB instalou-se na cadeira, não se importando em amassar o chapéu, lá instalado no acordo prévio. O líder do PFL, José Lourenço, reclamou, ameaçou, mas, presa irrecuperável de seu pragmatismo oportunista e fisiológico, sua bancada resolveu negociar, repondo seu chapéu amassado numa cadeira menor, a da 1ª secretaria. O presidente Ulysses Guimarães e os líderes Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Henrique acharam que o acordo estava de bom tamanho, mas a bancada do PMDB não achou e resolveu mais uma vez humilhar seu sócio no clube, sentando-se, com todo o seu peso esmagador, sobre o chapéu. Havia pouco a salvar da face, mas a segunda bancada da Constituinte viu que não havia mais espaço para negociação e ficou de fora da Mesa.

Na verdade, ao radicalizar no seu apetite de ocupação de espaços, a bancada do PMDB não se responsabilizou apenas pela humilhação pública do primo pobre. Deu-lhe, também, do outro lado, uma oportunidade singular: a de pular fora da responsabilidade por um contencioso que só tende a inchar, a imagem política de um governo, cuja popularidade decresce na mesma proporção de sua falta de definições claras. O fato de que a bandeira do governo Sarney se esfarrapa ao vento de uma crise de porte assustador, assumindo dimensões até agora pouco conhecidas por sua originalidade na História da República, não é mais segredo para ninguém. Arrastar essa bandeira esfarrapada no meio de uma tempestade aterradora (por ser forte e por carregar nuvens escuras) exige uma força política que as pernas do PFL (aliás, debilitadas pela derrota eleitoral de novembro) não devem

reunir. Tanto isso é verdade que mesmo o gigantesco PMDB, com os músculos tonificados pela vitória eleitoral, dá os primeiros sinais de que quer passá-la ao primeiro manifestante interessado em transportá-la. A entrevista ameaçadora do 3º vice-presidente do diretório nacional do partido majoritário — senador Affonso Camargo — dirime qualquer dúvida neste sentido.

Se é verdade que o robusto PMDB amassou, humilhantemente, o chapéu do PFL, no episódio da ocupação do jogo de cadeiras da Mesa, não é falso afirmar que, ao ocupar todos os espaços de poder na direção da Constituinte, Gollas está também abrindo uma brecha à pontaria de Davi. Mesmo debilitado, o PFL encontrou agora uma saída honrosa dessa sociedade num banquete, em que só lhe tocam sobejos, podendo, de uma vez por todas, tirar seu chapéu amassado do cabide do governo — cabide, aliás, que vem sendo roído pela voracidade das traças da indecisão errática de uma política que, de tão absurda, só pode ser definida como inexistente. Se a bandeira do governo Sarney se desfaz, ao vento da tempestade armada pela falta de firmeza de decisões, começa a ser tecida na sociedade uma bandeira que se apóia num mastro mais consistente, a da oposição ao desgoverno, qualquer que seja.

Se apanhar logo seu chapéu amassado e tentar desamassá-lo com desassombro, sem oportunismo interessado e com propósitos firmes e definidos, o PFL pode ainda merecer da Nação a oportunidade única de empunhar esta bandeira. Evidentemente, o Brasil não coniará tal missão a qualquer aventureiro que se apresentar. Para conduzir esse pano, que vem sendo tecido pacientemente na periferia dos centros de decisão federais, um partido, ou um líder político, precisa apresentar um plano coerente, um projeto nacional bem definido, pois exatamente é a ausência desses ingredientes que tem alimentado os ventos e as nuvens da crise que está esgarçando a bandeira oficial. Presente na confecção dos bordados

da bandeira que se esfarrapa, o PFL tem de, antes de tudo, sair do governo e se apresentar à Nação como uma oposição séria e comprometida com ideais e anseios que se têm solidificado no interior da sociedade brasileira. O PFL tem sido inquieto indesejado de um edifício cuja arquitetura ninguém consegue vislumbrar com exatidão. Corre o risco de ser escorraçado dele e agora tem a oportunidade ímpar de retirar-se, antes que chegue a ordem judicial de despejo. Os cinco ministérios que, nominalmente, pertencem a seu grupo político são um preço barato demais pelo esforço que o partido precisa fazer para conduzir, contra o vento, o preço do contencioso popular que o governo tem acumulado. E qualquer argumento em contrário se tornará débil diante das evidências de que o PMDB, cujo grupo dirigente mais do que borda, costura a bandeira que se esgarça, se mostra disposto a sair da passeata antes que ela se dissolva por falta de adesões e excesso de deserções.

Talvez não fosse um sonho desejar que aparecesse no PFL um líder capaz de identificar a oportunidade, que talvez não se repita, de tirar o chapéu amassado da cadeira quebrada. Esse líder, com descortino suficiente para perceber o que se passa fora das discussões pequenas dos interesses grupais ou até mesmo pessoais, que predominam nos partidos políticos brasileiros, poderia ser a repetição do que está acontecendo no PMDB com o surgimento da novidade chamada Mário Covas. Mas precisaria ir além, pois, no caso específico do PFL, a ousadia é uma condição de sobrevivência. Ou melhor, a única alternativa à morte ingloria. Se insistir em mendigar uma cadeira, cada vez menor, cada vez mais frágil, para pôr seu chapéu amassado, o PFL corre o risco de não ter mais sequer uma cabeça, onde depositá-lo, na hora de sentar-se em público. Como ninguém sobrevive sem a cabeça, o PFL encontra-se numa encruzilhada estreita: sai da claque do governo ou morre sem direito à honra.